

São cada vez mais raros os ensaios ou livros brasileiros sobre Psicanálise que elaborem algo original. Nos últimos anos, especialmente com a avalanche lacaniana, quase que só se observam cópias, geralmente de escritos franceses. Por isso, quando três filósofos interessados em Psicanálise se juntam para escrever um livro, há que prestar atenção.

Por referência à temática, ela parece demasiadamente ampla: Politzer, Marcuse, Lacan, o período pré-psicanalítico de Freud etc. Mas, mesmo com tal ressalva, os autores não são meros copiadores e devem ser lidos atentamente.

Em Gabbi Jr. encontra-se um esforço para demonstrar que não se pode separar radicalmente Freud criador da Psicanálise do Freud pré-psicanalítico. Isto é, a recusa do "corte epistemológico", que tanta influência teve nos muitos intelectuais brasileiros, mas ainda permanece na Psicanálise.

Um dos textos que examina é o "Para a Concepção das Afasias". Nele, Freud, mesmo sem conhecer demasiadamente o assunto, propõe uma crítica fundamental às teses então dominantes, desde sua recusa das concepções anatomopatológicas e a postulação de um modelo do psiquismo enquanto linguagem.

Assim, por uma outra faceta, Gabbi Jr. se aproxima, mesmo que de modo diferenciado, das idéias de Forrester e Nassif (por exemplo), que pretendem que, desde que postulado um novo esquema de pensar (um "diagrama"), Freud desdobraria conseqüências "empíricas", independente do material concreto que examina. E aí?

## Diálogo com filósofos

Filosofia da Psicanálise — Bento Prado Jr.,  
Organizador; Luiz Roberto Monzani; Osmyr Faria  
Gabbi Jr. Editora Brasiliense. 200 páginas

Já Monzani examina a questão da fantasia em Freud e certas relações entre os discursos psicanalítico e filosófico. Na mesma linha de sua tese, experimenta fazê-lo voltando-se sobre a obra do próprio Freud e suas articulações pertinentes, e não desde um lugar ideal onde a Psicanálise deveria desembocar. Diferenciando entre filosofia da ciência e epistemologia, dedica-se a perguntar como esta última, "a partir da análise interna, procurará examinar e estabelecer o conjunto de critérios próprios e específicos de validação da disciplina em questão [a Psicanálise, neste caso]" (p. 131).

Ele próprio indaga: "que tipo de cientificidade nos traz o discurso psicanalítico? E, a partir daí, nossa idéia de ciência deve ser reformulada ou não?". Acredito que isso pode se fazer se se consideram os "elementos concretos" da Psicanálise (tal como ele próprio o fez, de modo incisivo, na sua tese!). Quem sabe se experimentalizaria fazê-lo, por exemplo, acerca do que são os psicóticos, o que é a cura, como se compreendem os sonhos hoje.

É preciso afirmar que o estatuto científico da Psicanálise só pode ser examinado de modo efetivo (**wirklich**) simultaneamente com as transformações concretas daquilo que se investiga. É um momento em que a linha majoritária da Psicanálise no Brasil — inspirada no pensamento de Lacan — não se interessa pelas questões da cura, da transformação dos psicóticos e da efetividade dos sonhos.

Afirma-se que a cura é uma noção médica, psicológica ou religiosa, e que, portanto, seria uma condição secundária na Psicanálise; há um desinteresse pelo sofrimento dos psicóticos, postulando-se que estes só se compreendem

no interior da "clínica da psicose", e que esta só se explicitaria enquanto parte de uma articulação teórica. E que na teoria, de acordo com o que Freud teria ensinado ("Análise Finita e Infinita"), não haveria cura pelos três fatores que concorrem absolutamente na formação do psiquismo: o acaso da pulsão, as alterações do eu e a bissexualidade (e mais a "inadequação" dos projetos finalizantes do psicanalista curativo). Se esta leitura de Freud fosse tão absoluta e unitária, se se partisse apenas de um psiquismo totalizado e cerrado, se nada houvesse para transformar nos psicóticos — só na teoria pensada abstratamente das psicoses — por que continuar a recebê-los? Somente por seu dinheiro? Ou pelo prestígio e clínica numerosa que se tem, junto aos psicólogos e psiquiatras, quando se avaliam os psicóticos em hospitais? Psicóticos como objetos para a pesquisa, parece: linda imanência da teoria...

E os sonhos? Os sonhos seriam apenas provas da existência do inconsciente como sistema. Ignora-se a teoria/prática ferenciana de entender a função curativa dos sonhos, de como um primeiro sonho de uma noite desperta afetos traumáticos, enquanto o segundo experimenta eliminar os traumas.

Não caberia aos filósofos da Psicanálise — ou seja, os filósofos que estabelecem seus conceitos no interior do campo analítico — exa-

minar as várias modalidades de cura e o estatuto mais adequado do **Unbehagen**, do mal-estar que "constitui" "os homens"? Há identidade entre "ser homem" e "estar mal"? É claro que não.

Imagino que filósofos, pensadores da criação, devem ter como tarefa/prazer o exame dos psicóticos, o registro específico de suas falas e fazeres, o porquê de sua não-inserção social, o exame e o combate da recusa de suas falas dispersivas, da violência que se faz a eles em nome da "normalização do mundo e das coisas". E, muito importante, criar com eles um estatuto de mundo onde se pode viver. Bem como os amigos da sabedoria sabem que os sonhos são curativos, desde que se elaborem no seu nível expressivo. Sonhos são afirmações, positividade, e, através da transferência psicanalítica, um sonho se torna autêntico expressivamente e se exerce na cura de outro sonho, possibilitando ao sonhador níveis de intensificação mais elevados e adequados. Intempestividades, certamente; mas tarefas para psicanalistas e filósofos criativos, que não têm finalidades teóricas a serem atingidas postuladas aprioristicamente.

No interior de um projeto "mais amplo de uma leitura filosófica de Lacan", tomando a primeira teorização deste, Bento Prado Jr. pretende mostrar como, no limite, o pensamento de Lacan será levado a "reconstruir a teoria da imaginação a partir de sua base biológica" (p. 70). Mostra-nos que, desde uma posição filosófica elaborada, Lacan quis refazer a questão entre monismo e dualismo na Psicanálise. Questão esta que, na tradição do pensamento francês, estava explicitada na obra de Paul Ricoeur, que "faz da Psicanálise um discurso essencialmente **misto**, isto é, energético-hermenêutico, ou uma passagem constante de uma teoria mecanicista a uma teoria teleológico-fenomenológica" (p. 55/6, grifo do autor). Acho que Bento pensa num misto inadequado, claro é, pois, conforme demonstrou Bergson, não existem puros; tudo é misto, o que se trata é

de criar mistos adequados.

O autor afirma que através da postulação do *Outro*, Lacan pretende romper com o objetivismo. É através do *narcisismo* que o "próprio" e o "outro" se desobjetivam, pois o sujeito só se constituiria desde a alteridade. Então, só há relação com os objetos desde a consideração necessária deste *Outro*. E sabe-se que, desde esta leitura, mesmo o relacionamento com *outrem* só se daria desde a existência de um *Outro*, que possibilita a relação ternária.

Ora, se há o *Outro*, não há interior e exterior, mas também existiriam o próprio e o objeto alétero. E Bento cita Lacan, pedindo que se o escute com atenção: "O real é absolutamente sem fissuras". Mas nesta mesma página Lacan faz referência a Von Uexküll (mesmo quando a transcrição de Miller fala de Von Frisch, o investigador melissográfico); e este diferencia *Innenwelt*, mundo interior, e *Umwelt*, mundo circundante. Isto nos remete — como Uexküll faz no seu mais conhecido livro (*Mundos animais e mundo humano*) — à necessidade de pensar um **real com fissuras**. Pois o mundo circundante é uma "bolha" que não apenas cerca qualquer animal, como **é parte necessária de sua constituição**.

O que se aprende com os etólogos é que não há exame possível de um "estar-no-mundo" sem que se respeitem as **condições (Bedingungen) simultâneas** destes dois mundos. E é o que Bento Prado Jr. acredita encontrar em Lacan, quando este fala dos dois narcisismos. Um, que se relacionaria à imagem corporal, que diria respeito à *Innenwelt*, transação entre real e imaginário; o segundo, relacionado à apreensão do indivíduo pelo *Outro*, que diria respeito à *Umwelt*, e que faz do in-

divíduo um assujeitado (que leva o indivíduo ao sujeito, do imaginário ao simbólico).

Pois bem, é nesta linha que nosso autor acredita possível um diálogo com Lacan, articulando o imaginário "como instância primitiva e constitutiva da experiência perceptiva, já no universo pré-humano do *comportamento instintivo*" (p. 70; o segundo grifo é meu).

Ora, se tal fosse, seria da maior importância e produziria uma verdadeira diferença. Mas parece que em Lacan só existe um *mundo unitário*, o *mundo Áterio*, *Andererwelt*, que prescinde da partição proposta por Von Uexküll e por Bento Prado Jr. O imaginário lacaniano se estabelece como uma forma frusta do simbólico; ou, pior ainda, o imaginário se tornou, especialmente no lacanismo derivado da obra do seu prógono, não um constitutivo do assujeitamento humano, mas uma ordem psíquica menor, desvalorizada. Diferentemente do que postula Bento, quando se diz, lacanianamente, que alguém "imaginariza", afirma-se que ele pensa de modo incompleto, carente (o que é completo?).

Não é isso que leva Lacan a afirmar que os psicóticos não têm cura, pois não se integram através do Simbólico? São teorias desta ordem que colocaram os psicóticos fora do reino dos sujeitos humanos, afirmando-os forcluídos, sem acesso ao simbólico para sempre (fazendo deles apenas "objetos para a investigação teórica"). Há um **efeito político** das teorias, que tem que ser considerado; ou isto não merece o esforço do teórico?

E isto os filósofos sabem. Reduzindo o estar-no-mundo à ordem do Desejo "que constitui os sujeitos", os sensíveis se transformam em "coisas" homogêneas por relação ao que "as constitui", meras abstrações. Por exemplo, as obras de arte são examinadas apenas enquanto conteúdos referentes ao Desejo, abandonando-se sua corporeidade, os "estéticos" (**aisthesis**, sensível) e a criação. Criar-se-

ia adequadamente apenas pelo Desejo unitário e não também pelos sensíveis diferenciados.

A teoria de Lacan abandonou a ordem do prazer, que subsumiu na ordem do Desejo. O próprio Freud afirmou que os gregos se ocupavam mais do prazer do que dos objetos. Em vários exemplos, Aristóteles (para falar de um filósofo "clássico e universal") diz que é exatamente o prazer que põe em questão as teorias platônicas. Pois um fala intumescido mostra que há acontecimentos que não são meras cópias de algum mundo das Idéias, já que ele não se adequa a nenhum modelo que o fizesse desejoso (e, segundo o estagirita, é isso que faz com que o **phallós** seja adorado enquanto divindade: ele não participa do Bem, ele é). A ereção transgride/ignora as leis e seu estatuto de Lei divina. E, como ensinaram os estóicos, os corpos são componentes diferenciados para a constituição do pensamento (incorporal): os homens e as coisas se fazem entre corporais e incorporais.

Foi nessa mesma trilha que Freud elaborou, ao mostrar que a ereção não dependia de nenhuma normalização anatômica, mas da produção do prazer e do desejo. Mas em Freud sabemos que não há simetria nem continuidade entre prazer e desejo. Afirma que se tem prazer fora da submissão a uma suposta ordem legiferante do desejo.

Freud elaborou essas duas ordens diferenciadamente. E Bento Prado Jr. pretende encontrar o mesmo em Lacan, com uma linguagem e questões mais próximas da Etologia contemporânea.

Lacan afirmou, em 1959, "que o real, eu vos disse, é o que se encontra sempre no mesmo lugar"<sup>3</sup>. Enquanto o imaginário, pelo que aprendi na teoria e na clínica, experimenta se diferenciar, esca-

par da mesmidade constituinte proposta pela lei do simbólico, sair do lugar insistindo, através da repetição criadora. O que, aliás, é aonde parece querer chegar a tese de Bento Prado.

Seria possível um diálogo criativo, tal como proposto por nosso filósofo com o mais ilustre psicanalista francês? Parece muito difícil, mas ainda não é momento de concluir. Vamos continuar a pensar junto com nossos colegas.

Perturbou-me no livro o fato de as obras de Freud estarem citadas em quatro edições distintas (menos na da Edição Standard Brasileira; por quê?), o que torna impossível ao estudioso conferir as fontes. O que fazer, quando nossa edição "oficial" não propõe correspondências com outras edições (especialmente as *Gesammelte Werke*)? Como criticar o editor brasileiro "oficial", se nenhuma das outras edições o faz?

De qualquer modo, prazer em poder aprender e discutir com escritos criativos.

**Chaim Samuel Katz** — psicanalista e escritor. Membro do Colégio Internacional de Estudos Filosóficos Transdisciplinares.

## NOTAS

1 — Freud, **O Movimento de um Pensamento**. Editora da Unicamp. 1989.

2 — Quem nos ensinou melhor sobre isto foi, indiscutivelmente, Férénczi. Mas também se aprende em Freud, conforme "Revisão da doutrina do sonho", preleção XXIX das **Novas fontes das preleções para a introdução na Psicanálise**, de 1932/3.

3 — Jacques Lacan, **L'éthique de la psychanalyse** (Seminário VII). Seuil. Paris, 1986, p. 85. Relembro que é neste Seminário, ponto de partida para uma elaboração diferenciada na sua obra, que ele abandona a grade ternária (que é o que Bento supõe "de comum" para o diálogo com Lacan) e se propõe a seguir o quadripartido (das Gavierte) de Heidegger (que é quem, aliás, inspira inteiramente este escrito de Lacan).